



A ANTROPOTOPONÍMIA DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO JOÃO DEL-REI – MG DO SÉC. XVIII AO SÉC. XXI

THE ANTHROPOTOPONYMY OF THE HISTORIC CENTER
OF SÃO JOÃO DEL-REI – MG FROM THE 18TH CENTURY
TO THE 21ST CENTURY

Celso Reis Macedo

Universidade Federal de Minas Gerais (procelsor@gmail.com)

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Universidade Federal de Minas Gerais (candidaseabra@gmail.com)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma investigação dos antropotopônimos urbanos registrados no centro histórico da cidade de São João del-Rei – MG. Desse modo apresentam-se possíveis motivadores da mudança dos antropotopônimos a que se submetem, ao longo de trezentos anos, algumas ruas da cidade. Como pressupostos teórico-metodológicos, adotamos o modelo toponímico de Dauzat (1939) e Dick (1990). Dessa forma, este recorte de estudo apresenta os primeiros resultados da pesquisa linguística, com enfoque no léxico antropotoponímico. Analisando e observando nesses nomes a motivação, a variação e a mudança, observou-se que os resultados foram positivos, uma vez que se conseguiu resgatar relevantes elementos informativos sobre o passado da histórica São João del-Rei - MG.

Palavras-chave: Léxico; Antropotoponímia; Variação; São João del-Rei

Abstract: *This present work aims to present an investigation of urban anthrotoponyms registered in the historical center of the city of São João del-Rei - MG. In this way, there are possible motivators for the change of the anthrotoponyms that have undergone, for three hundred years, some streets of the city. As theoretical and methodological assumptions, we adopted the topological model of Dauzat (1939) and Dick (1990). In this way, this study resource presents the first results of linguistic research, focusing on anthroponymic lexicon. Analyzing and observing in these names the motivation, the variation and the change it was observed that the results were positive, since it was possible to rescue relevant informative elements about the past of the historical of São João del-Rei - MG.*

Keywords: *Lexicon; Anthrotoponymy; Variation; São João del Rei.*

INTRODUÇÃO

A cidade de São João del-Rei, no que diz respeito à toponímia, é um rico celeiro de estudo por apresentar um vasto *corpus* para análise, uma vez que apresenta um alto índice de mudança de nomes, a começar pelo nome da cidade, chegando aos bairros, praças, ruas, travessas e becos. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma investigação da antropotoponímia urbana, fazendo um recorte, analisando os antropotopônimos registrados nas ruas do centro histórico da cidade de São João del-Rei –MG desde o século XVIII. Desse modo, buscando contribuir para os estudos Lexicais, apresentam-se possíveis motivadores da mudança dos antropotopônimos a que se submeteram, ao longo de mais de trezentos anos, algumas das ruas da cidade. São João del-Rei é um município da região do Campo das Vertentes, Sudeste do estado de Minas Gerais. É uma das maiores cidades setecentistas mineiras. O Arraial Novo do Rio das Mortes, que deu origem à cidade, foi fundado entre 1704 e 1705. Já bastante próspera, em 1713 a localidade é elevada à vila e recebe o nome de São João del-Rei em homenagem a Dom João V, rei de Portugal. O desenvolvimento e progresso da vila elevam-na à categoria de cidade em 1838. O ato de dar nome aos locais por onde se locomove e, também, onde ele vive é uma característica que torna fascinante e instigante a vida do homem. Este, ao nomear, distingue os acidentes físicos e humanos, ao mesmo tempo em que os eterniza como referentes para uma comunidade. Dessa forma, este estudo objetiva apresentar uma análise dos antropotopônimos urbanos do centro histórico da cidade de São João del-Rei - MG, observando nesses nomes a motivação, a variação e a mudança, contribuindo, dessa forma, para a memória cultural da cidade.

1 LEXICOLOGIA, ONOMÁSTICA E TOPONÍMIA

Um questionamento que quase sempre instigou, desde os alunos nas aulas de Língua portuguesa até professores experimentados é: de onde vem o nome das coisas? Quem deu os primeiros nomes? Geralmente é muito vago dizer que tal nome vem do latim, mas e lá no latim, quem nomeou? Que critérios foram utilizados? Assim, percebe-se a importância dos nomes para a compreensão e identificação das pessoas, dos elementos, dos fenômenos e de tudo quanto pertence ao universo que nos rodeia. Os nomes fazem parte da história, bem como da cultura de um povo, de um indivíduo, de uma sociedade. Para Dick (1996, p.13), aquele que nomeia é

Apenas um elemento da cultura nacional, da qual é projeção e em que se manifesta de modo particularizante. O sistema denominativo que aciona é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião. (DICK, 1996, p.13).

Assim sendo, entendemos que o ato de designar reflete, sobretudo, a representação de costumes, práticas, traços culturais. Ademais, vale ressaltar que para além dos nomes enquanto identificação de pessoas/coisas/objetos, temos também os nomes para a identificação de lugares. Nesse âmbito, temos os topônimos que são os nomes atribuídos a determinados locais (bairro, cidade, rua, praças, entre outros).

Segundo Biderman (1996, p. 27) o léxico é “o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. O léxico pode ser entendido como todos os itens lexicais. Assim sendo, entendemos que o léxico, além das palavras e suas significações, tem relação com a cultura de um povo, pois carrega em si o peso de questões políticas, sociais, ideologias e interações específicas daquela população. A essa ciência, que trabalha com o léxico sob diversas óticas, chamamos de Lexicologia.

Integrando-se à Lexicologia, temos a Onomástica. A Onomástica é a ciência que estuda os nomes próprios. Ela se subdivide em duas áreas de estudo: Antroponímia (que estuda os nomes de pessoas) e Toponímia (que estuda a motivação dos nomes próprios de lugares). Para Dick (1990), os topônimos são

Verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das

gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990, p. 22).

Dessa forma, entendemos que os topônimos têm plena relação com a cultura e história de uma determinada população. Vale ressaltar, ainda, que nos estudos dos topônimos e antropônimos, deve-se considerar a referência.

A Toponímia é a área científica da linguagem que investiga os nomes dos lugares e, se por um lado é específica, por se valer das nomeações espaciais como objeto de pesquisa, por outro é transdisciplinar, por dialogar intimamente com outros ramos do saber científico como a Sociologia, História, a Geografia, a Antropologia etc. Considerando os topônimos como testemunhos da história da língua, tendo em vista que, caracterizados principalmente pela motivação, eles registram os contatos linguísticos e culturais entre os povos, é possível, com um estudo toponímico, identificar as influências linguísticas na língua portuguesa.

Dick (1997, p. 31), expandido a reflexão sobre a questão das denominações dos lugares, alcançou os centros urbanos, quando ressaltou que “a rua é o caminho melhorado, do ponto de vista de sua morfologia, e, semanticamente, a rua é um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano. A rua tudo testemunha, numa atitude cúmplice de aceitação.”

Se a rua também é vista como um topo, isto é, um lugar, a toponímia urbana, constituída pelos nomes dos logradouros públicos, quando preservada ao longo do tempo, se constitui em relevante fonte de informação histórica e social sobre uma cidade, pois, de acordo com a teoria do francês Jean Brunhes – citado por Seabra (2004, p. 141) – os nomes podem ser vistos como fósseis linguísticos que, sobrevivendo até a atualidade, autoriza-nos a adentrar no universo lexical de épocas pretéritas.

O nome próprio de um lugar constitui-se junto ao acidente geográfico, o que Dick (1990, p. 10) chama de “conjunto ou relação binômica, que se pode sectionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores”. A partir disso, pode-se depreender dois termos: aquele oriundo da entidade geográfica, que se denomina elemento ou termo genérico; e o topônimo, propriamente dito, chamado de termo específico. Ambos podem se realizar de forma justaposta ou aglutinada, de acordo com a natureza da língua que os inscreve.

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, 1990, p. 47).

Ao considerar a língua na sua dimensão social, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como signos operacionais, é através dos nomes que o homem exerce sua capacidade de exprimir sentimentos, ideias, de cristalizar conceitos. Desse modo, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época.

2 BREVE HISTÓRIA DE SÃO JOÃO DEL-REI

São João del-Rei é um município da região do Campo das Vertentes, Sudeste do estado de Minas Gerais. Desde 1674, bandeirantes paulistas, nas pegadas de Fernão Dias Pais pelo Caminho Geral do Sertão, começaram a devastar, de sul a norte, o território que, em consequência de suas ricas jazidas auríferas, viria a se chamar Minas Gerais.

Nos últimos anos, daquele período, Tomé Portes Del Rei, com familiares e escravos, decidiu permanecer a meio caminho, à margem esquerda do Rio das Mortes, no local chamado Porto Real da Passagem, dando início ao povoamento da região. Tomé Portes morreu assassinado por alguns de seus escravos e o seu genro, Antônio Garcia da Cunha¹ sucedeu-lhe como autoridade local e guardador das canoas. Sob sua jurisdição entre os anos 1704 e 1705 foram descobertos os depósitos auríferos das encostas do atual Alto das Mercês. Logo, para as imediações, ocorreram paulistas e forasteiros, genericamente, estes apelidados por aqueles de emboabas, “junto do caminho e em sítios próximos, paulistas e emboabas formaram logo um arraial e levantaram uma capela com a invocação de Nossa Senhora do Pilar” (GUIMARÃES, 1996, p. 19).

Tinha início assim o Arraial de Nossa Senhora do Pilar do Rio das Mortes, que ficou sendo Arraial Novo, em oposição ao Arraial Velho de Santo

¹ Antônio Garcia da Cunha, segundo Guimarães (1994), pode e deve ser considerado o fundador de São João del-Rei e não Tomé Portes Del Rei, como erroneamente circula, uma vez que “o arraial de que se originou a vila é posterior à morte de Tomé Portes.” (BARBOSA, 1971, p.458)

Antônio². Entende-se aqui Arraial como povoação de caráter temporário, geralmente formada em função de certas atividades extrativas, como a lavra de minérios ou metais raros, pesca; lugarejo provisório; aldeolas de pescadores, segundo prescreve o Instituto Geográfico Cartográfico (1995).

O Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar foi criado no local conhecido como Tijuco, na encosta sul da Serra do Lenheiro, após a descoberta do ouro no ribeirão de São Francisco Xavier por Lourenço da Costa. Algum tempo depois o Arraial Novo de Senhora do Pilar passa a se chamar Arraial Novo do Rio das Mortes³ e a exploração do ouro se expande e atrai cada vez mais gente ao local originando acirradas disputas pelas posses das terras. Em 8 de dezembro de 1713, o arraial é nomeado como Vila de São João del-Rei, em homenagem a Dom João V, e alçada à sede da Comarca do Rio das Mortes.

Desde os tempos de sua formação, desenvolveu-se a produção mercantil e de gêneros alimentícios, resultantes tanto da atividade agrícola, quanto da pecuária. Esse fato vai possibilitar o contínuo crescimento da localidade, que não sofre grandes perdas com o declínio da atividade aurífera, verificado nas Minas Gerais a partir de 1750.

Em poucos anos, o movimento conhecido como Inconfidência Mineira toma corpo e ganha adeptos em cada arraial e vila da Capitania das Minas Gerais. Grandes planos são traçados tendo em vista a produção de bens de consumo aliada à liberdade comercial, o que descartaria a política monopolizadora da metrópole. A Vila de São João del-Rei é escolhida para abrigar a nova capital. Todavia, em 1789 o movimento é denunciado pelo coronel Joaquim Silvério dos Reis, devedor de somas altíssimas à Fazenda Real.

Em princípios do século XIX, com a expansão comercial, São João del-Rei apresenta lojas instaladas em elegantes casarões oferecem todo tipo de mercadoria, desde as produzidas na comarca até as importadas. Também é precoce o surgimento da imprensa, assinalado pela fundação, em 1827, do “Astro de Minas”, o segundo jornal de Minas Gerais na época. Ainda no século XIX, contava com casa bancária, hospital, biblioteca, teatro, cemitério público

² O Arraial Velho de Santo Antônio é hoje a cidade de Tiradentes-MG.

³ A denominação do Rio das Mortes, já usual na passagem do século XVII para o XVIII, deve-se, segundo Antonil (1982) “a morrerem nele uns homens que o passavam nadando e outros que se mataram a pelouradas, brigando entre si sobre a repartição de índios que traziam do sertão.” Do que se conclui, contrariamente ao que muitos afirmam, nada tem a ver com a matança de paulistas, ocorrida no episódio do Capão da Traição, durante a Guerra dos Emboabas, acontecida entre os anos de 1707 e 1709.

construído fora do núcleo urbano, além de serviços de correio e iluminação pública a querosene.

Em 1838, a Vila de São João del-Rei torna-se cidade. De acordo com Ávila (2006), nessa época, possuía cerca de 1.600 casas, distribuídas em 24 ruas e 10 praças. Desenvolve-se, ainda mais, com a inauguração em 1881 da primeira seção da Estrada de Ferro Oeste-Minas, que liga as cidades da região a outros importantes ramais da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em junho o Congresso Mineiro Constituinte aprova, em primeira discussão, a mudança da capital para a região da Várzea do Marçal, subúrbio de São João del-Rei. Mas, numa segunda discussão, o projeto inclui Barbacena e também Belo Horizonte, um planalto localizado no Vale do Rio das Velhas, onde existia o antigo Arraial do Curral Del Rei, sendo este escolhido.

3 METODOLOGIA

Tendo como base os fundamentos teóricos da Toponímia, da Sociolinguística e da Antropologia Cultural, a pesquisa focalizou também os aspectos históricos e geográficos do centro histórico de São João del-Rei. O *corpus* foi formado pelos logradouros denominados por atuais antropônimos das primeiras ruas da então Vila no século XVIII. A pesquisa de campo, com a coleta de dados escritos, foi realizada com três moradores de cada logradouro. Tais moradores foram escolhidos aleatoriamente, desde que residissem ou conhecessem o logradouro há pelo menos 7 anos. Utilizou-se um questionário padrão, com o intuito de se obter respostas objetivas que pudessem ser tratadas estatisticamente. A transcrição das entrevistas foi ortográfica adaptada, privilegiando o antropotopônimo objeto de análise.

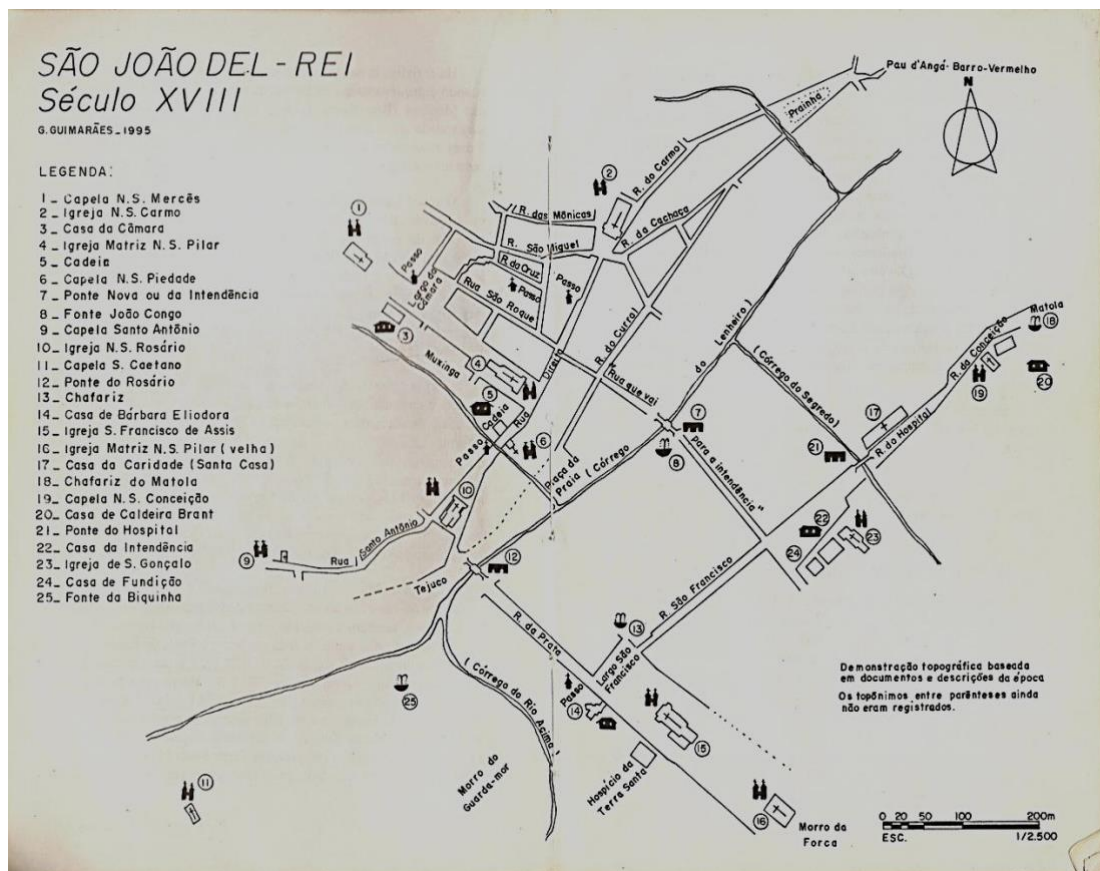
3.1 Constituição do *corpus*

Utilizando a metodologia laboviana, buscamos, na contemporaneidade, selecionar no universo de logradouros presentes no centro histórico que se encontravam em registros setecentistas, os nomes de ruas motivados por antropônimos.

Neste processo, a primeira etapa foi extrair, do universo de taxionomias (sociotopônimos, hierotopônimos, animotopônimos, litotopônimos etc), a amostra referente aos antropotopônimos com base em documentos e bibliografias históricas. Após este trabalho, quantificamos 21 logradouros,

sendo 17 ruas, 3 largos, 1 beco. Essas informações podem ser visualizadas na Fig. 1.

Figura 1 – Mapa-croqui da Vila de São João del-Rei Sec XVIII.



Fonte: GUMARÃES, 1996, p.40

3.2 Pesquisa de campo

Visitamos os 21 logradouros e procedemos à coleta dos dados orais, que se deu por meio de entrevistas com 3 informantes de cada logradouro, totalizando 63 entrevistas.

O objetivo primordial da pesquisa era identificar se o munícipe sabia: 1. qual é o nome da rua, 2. Se a rua era conhecida por outro nome, 3. (se fosse o caso) se já tinha visto a placa que dá nome à rua; e 4. Se sabia quem era a pessoa que dava nome à rua?

Com relação à escolha dos informantes, destacamos que foi realizada uma seleção de forma aleatória: deslocávamos até a rua cujo nome era nosso objeto de estudo e, batendo à porta de residências, ou procurando proprietários antigos de estabelecimentos comerciais, convidávamos àqueles que quisessem dar seu depoimento sobre o nome de suas ruas e praças. Quando

encontrávamos alguma resistência, agradecíamos à pessoa e partíamos para outra tentativa, até completar um total de 3 entrevistas, de acordo com nossa proposta metodológica (MEGALE 2000).

3.2 Apresentação dos dados

Os dados retirados do *corpus*, selecionados a partir de extensa pesquisa histórica e oral, são apresentados, no quadro 1, a seguir, de forma sintética. São 21 antropotopônimos, relacionados em ordem cronológica, trazendo informações sobre os logradouros e os homenageados.

Quadro 1 - Lista geral dos logradouros do XVIII com nomes atuais e antigos

	Nome placa	Nome atual	Nome(s) antigo(s)	Como é reconhecida	Ano
1		Rua Getúlio Vargas	Rua Direita 1719 Rua Duque de Caxias 1883	Rua da Matriz	1711
2		Rua Dr. Cid de Souza Rangel	Rua da Conceição Rua do hospital Rua da misericórdia Rua Comendador Bastos	Rua atrás da Santa Casa	1713
3		Praça Francisco Neves	Praça Barão de Itambé, Largo da Câmara ou Pelourinho	Praça do Hospital /Mercês	1713
4		Rua Padre José Maria Xavier	Rua da Prata e em 1751 Rua Direita de Baixo	Rua da Prata	1717
5		Praça Embaixador Gastão da Cunha	Largo do Rosário	Largo do Rosário	1719
6		Rua Dr. José Mourão	Rua São Roque	Rua do jogo da bola	1721
7		Rua Resende Costa	Rua São Miguel		1721
8		Rua Monsenhor Gustavo	Beco da Cadeia	Rua do lado da matriz	1721
9	Sem placa	Rua Vigário Amâncio	Rua da Cruz		1721

10		Rua Ribeiro Bastos 1913	Rua do morro da forca Rua do Bonfim Rua do José Marcos	Subida do São Francisco	1724
11	Sem placa	Rua Padre Sacramento	Rua das Mangueiras Rua Portela 1744 Rua do Hospital Rua do José Matol	Rua do Matola	1733
12		Rua Doutor Balbino da Cunha	Rua São Francisco	Rua Balbino da Cunha	1742
13		Praça Frei Orlando	Largo São Francisco Pça Dom Pedro II 1907	Largo São Francisco 1916	1749
14		Rua Carvalho Resende	Rua Pau d'angá Rua Pau de Ingá	Subida do paud'angá	1750
15		Rua Coronel Tamarindo	Rua Barro Vermelho	Rua do Barro	1750
16		Praça Dr. Antônio das Chagas Viegas	Rua da Prainha	Rodoviária Velha	1750
17		Rua Ministro Gabriel Passos	Rua que vai para a Intendência	Rua da Prefeitura	1760
18		Rua Marechal Deodoro	Rua do Curral Cont. Rua da Alegria Cont. Rua Tiradentes	Rua do Comércio Quatro cantos	1760
19		Avenida Gal. Ozório	Rua Formosa, Rua do Tijuco	Av General Ozório	1777
20		Rua Marechal Bittencourt	Rua da Cachaça Rua da Caxaça	Antiga Rua da Zona	1779
21		Rua Homem de Almeida	Rua da Laje	Rua do lado do Hospital	1784

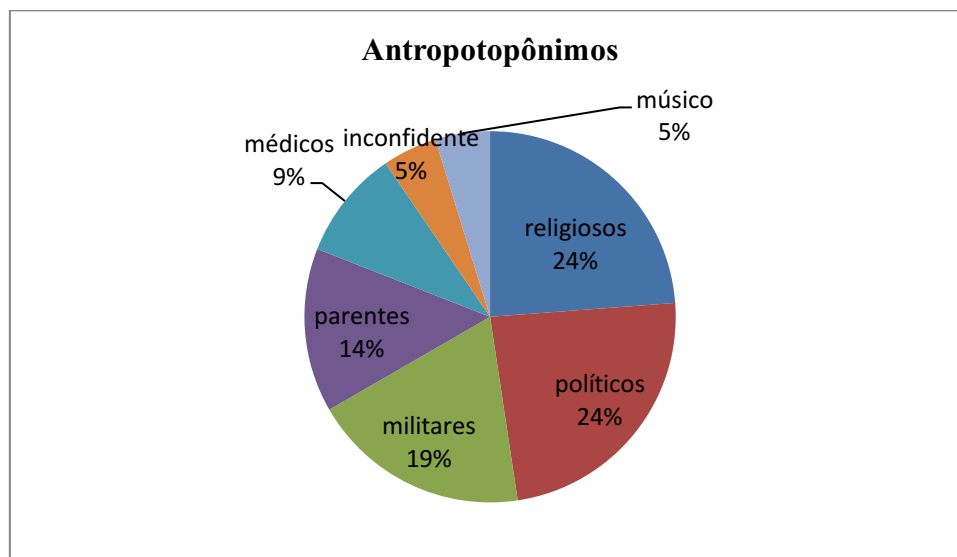
Fonte: o autor

3.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Atualmente, têm-se das 24 primeiras ruas do século XVIII, 2 ruas com agiotopônimos a saber santa Tereza e santo Antônio, e um mariotopônimo, rua do Carmo. Todas as demais se apresentam como antropotopônimos e, desses, temos assim representados: 5 religiosos, 5 políticos, 4 militares, 2 médicos, 3

parentes de personalidades políticas, como o pai e avó de Tancredo de Almeida Neves, 1 inconfidente e 1 músico, conforme representado do Gráfico 1.

Gráfico 1 – Categorias de Antropotopônimos.



Fonte: o autor

Analisando os dados biográficos, constatamos que 10 personalidades (48%) contribuíram efetivamente no desenvolvimento da cidade de São João del-Rei e as demais, 11 pessoas (52%), não deixaram apreciáveis feitos diretos em São João del-Rei, mas no Brasil, pois são inconfidentes, presidentes, ministros e militares mortos em batalha. Esses índices confirmaram que dos 21 antropônimos, apenas 48%, tiveram, de fato, a merecida láurea de terem os seus nomes perenizados ao designar vias públicas da cidade, já que imprimiram, por intermédio de seu trabalho, crescimento e progresso à cidade.

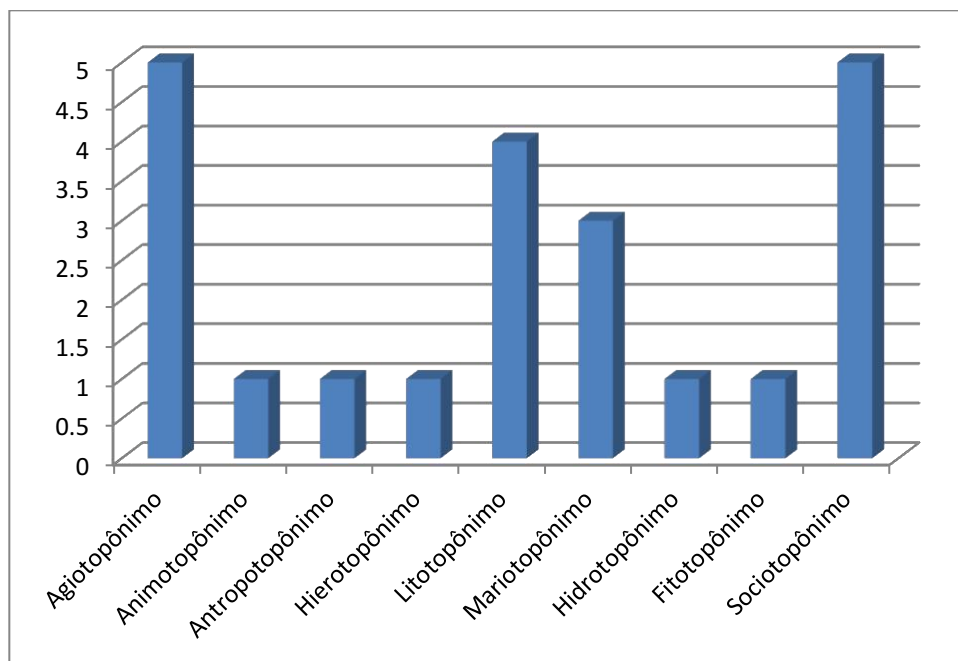
Nos 21 antropotopônimos predomina o gênero masculino com 100% das ocorrências.

Sobre a estrutura dos antropotopônimos analisados, seguindo a classificação de Leite de Vasconcelos, citado por SEABRA (2004, p. 53), “prenome para nome da pessoa; apelido de família para sobrenome; alcunha para apelido, podendo ser depreciativo ou não; hipocorístico para tratamento familiar carinhoso”, constatamos que há predominância de nomes completos, isto é, composto por prenome + apelido de família do homenageado, correspondendo a 100% do total analisado.

À época inicial, os topônimos acompanharam a história da cidade de São João del-Rei. Os primeiros topônimos foram classificados, tendo como base a

taxionomia de Dick (1992), bem como as sugestões de Carvalho (2018), uma vez que prevalecem as denominações motivadas pela religiosidade e devido à proximidade com os templos, daí os hierotopônimos, rua da Cruz 4%, agiotopônimos como rua são Miguel, são Roque, são Francisco (com duas denominações), santo Antônio com 21%, e mariotopônimos como Rua da Conceição, do Rosário, do Carmo com 13%, seguidos pelos sociotopônimos rua do Curral, Pelourinho, Direita, Cadeia, Morro da força, Intendência, Cachaça com 21%; litotopônimos, Prata, Barro vermelho, Tijuco, Laje com 17%; antropotopônimos, rua das Mônicas com 4%; animotopônimo com 4%, Misericórdia; hidrotopônimo, Prainha com 4%, fitotopônimo, Pau d'Ingá com 4% conforme representado do quadro 02, abaixo. Assim no século XVIII temos o gráfico 2.

Gráfico 2 – As taxionomias encontradas no Século XVIII.



Fonte: o autor

Em relação aos dados das entrevistas, obtidos dos 63 informantes que entrevistamos, destacamos os seguintes: sobre a questão formulada “qual é o nome da rua?”, 60, ou seja, 95% dos entrevistados, afirmaram que sabiam qual era o nome da rua e acertaram. Uma ressalva: os 3 (5%), forneceram informações incorretas dizendo nomes antigos das ruas. Respondendo à questão “a rua é conhecida por outro nome?”, 27 pessoas (43%) disseram que sim, 36 entrevistados (57%) disseram que não. Sobre a pergunta, “você sabe qual é o nome mais conhecido desta rua?”, a quase totalidade dos informantes

(98%) disse que sim, revelando um alto índice de toponímia paralela. Respondendo à questão “Se sabia quem era a pessoa que dava nome à rua?”, nossos informantes (74%), a maioria, dizem não conhecer a origem do antropotopônimo.

De acordo Dick (1990) os logradouros que recebem o nome de pessoas podem ser distribuídos em três grupos: antropotopônimos, logradouros que carregam o nome de pessoas; o axiotopônimo que possuem nome de pessoa acompanhado de um título e historiotopônimo para pessoas que desenvolveram importante papel na história do país. Adotamos, para análise, a nova proposta de classificação dos topônimos de natureza antropocultural por Faria (2017), aqui classificamos os antropotopônimos com 04 ocorrências, como antropo-axiotopônimos em que foram encontradas 13 ocorrências, antropo-historiotopônimo com 02 ocorrências, antropo-axio-historiotopônimo com 02 ocorrências.

Segundo Cintra (1998), em São João del-Rei, como em muitas cidades brasileiras, as ruas mais antigas mudaram de nomes várias vezes. Existem nomes, impostos por decretos, desacompanhados de fortes justificativas, que o povo assimila com dificuldade; no caso, os nomes antigos são sempre citados. Ainda, segundo o autor, tomou-se, certa ocasião, a iniciativa de colocar em placas de ruas os nomes dos respeitáveis pais dos senhores vereadores da cidade. Para o cumprimento da condenável resolução houve, em alguns casos, a troca de nomes intocáveis.

Por solicitação da Secretaria de Cultura de São João del-Rei, então dirigida pela professora Terezinha de Abreu Rios, relacionei denominações atuais e antigas de algumas ruas desta "Briosa e Fiel" cidade. A Administração Municipal aproveitou substancial parte de meu estudo. O trabalho jamais objetivou a mudança de nomes de ruas mas tão somente relembrar os apelidos antigos. Para as despesas com a confecção das placas antigas, colocadas junto às atuais, contou a Municipalidade com a valiosa cooperação da conceituada firma John Somers, desta cidade. (CINTRA, 1998, p.01).

Devido a esse estudo, encontram-se, em algumas ruas do centro histórico, duas placas de nome de rua, uma com o nome antigo e outra com o nome atual, como a seguir no quadro 2, bem como ruas com duas placas em que há uma variação no nome contido nas placas conforme o quadro 3.

Quadro 2 - Ruas com placas sobrepostas – nome antigo e atual

	Nome placa	Nome atual	Nome antigo
1		Rua Getúlio Vargas	Rua Direita
2		Rua Coronel Tamarindo	Rua do Barro
3		Rua General Ozório	Rua do Tijuco
4		Rua Marechal Bittencourt	Rua da Cachaça
5		Rua Santa Tereza	Rua das Mônicas

Fonte: o autor

Quadro 3 - Placas com variação no topônimo


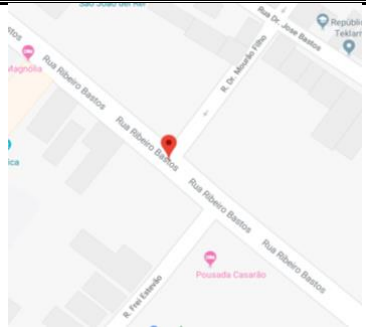


	Nome placa 1	Nome placa 2	Variante 1	Variante 2
1			Rua Santo Antônio	Rua de Santo Antônio
2			Rua Dr. Balbino da Cunha	Rua Balbino da Cunha

Fonte: o autor


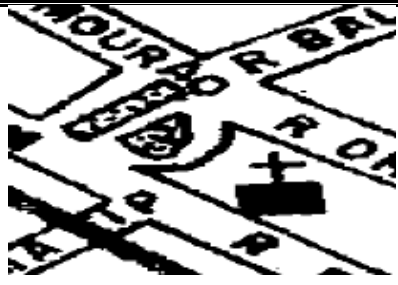


Assim, como forma de apresentação dos dados, resumir-se-ão em uma ficha toponímica, contendo cada um dos logradouros e todas as informações propostas para esta etapa do processo. A apresentação dos dados foi feita em fichas toponímicas, configuradas em campos e subcampos etiquetados, que organizaram as informações do geral para o particular. Dessa forma, o campo abrangente 'informações sobre o logradouro' agregou os subcampos específicos 'nome oficial no mapa do município, nome anterior', 'localização', 'legislação'.

Já o campo geral 'dados biográficos', cujo propósito foi reunir informações sobre as personalidades, registrando elementos da trajetória de vida das 21 (vinte e uma) pessoas. Tais elementos foram recuperados por meio de um exaustivo trabalho de pesquisa, que futuramente, será aplicado a todos os antropotopônimos da cidade. Segue modelo/exemplo da ficha.

Ficha toponímica 1

INFORMAÇÕES SOBRE O LOGRADOURO		
Nome oficial na lei municipal: Rua Ribeiro Bastos	Legislação: sessão da Câmara Municipal de 27-1-1913	Foto do homenageado
Ano: 1913		
Nome(s) anterior(es): Rua do morro da forca Rua do Bonfim Rua do José Marcos		
Localização: Centro		
Imagem do mapa	Foto(s) da(s) placa(s)	Foto do logradouro
		
Dados		
Oficial/imagem	Placa	
Rua Ribeiro Bastos	Rua Ribeiro Bastos	
<p>Dados bibliográficos:</p> <p>Maestro, compositor e educador Martiniano Ribeiro Bastos (1834-1912). Exerceu a Presidência da Câmara Municipal e o cargo de Juiz de Paz. Dirigiu a Escola Normal. Também se distinguiu como latinista. A homenagem foi deliberada em sessão da Câmara Municipal de 27-1-1913. Em alguns documentos aparece mencionada como Rua do José Marcos; ali residiu o músico José Marcos de Castilho, falecido em 1830. Era citada com os nomes de Rua do Morro da Forca e Rua do Bonfim.</p>		
<p>Fontes: CINTRA, Sebastiao de Oliveira. <i>Nomenclatura de ruas de São João del-Rei</i>. Juiz de Fora: Zas Gráfica e Editora, 1988. 24 p.</p> <p>https://www.google.com.br/maps/place/R.+Ribeiro+Bastos,+S%C3%A3o+Jo%C3%A3o+del-Rei+-MG/@21.1393467,2611128,18z/data=!4m5!3m4!1s0xa1c896d413f02f:0x93effe886c9cc6da!8m2!3d-21.1397045!4d-44.2595357</p>		

Ficha toponímica 2

INFORMAÇÕES SOBRE O LOGRADOURO		
Nome oficial na lei municipal: Praça Frei Orlando	Legislação Decreto Nº 103 – 26.12.1.945 a Frei Orlando	Foto do homenageado 
Ano: 1945		
Nome(s) anterior(es): Largo São Francisco Pça Dom Pedro II 1907		
Localização: Centro		
Imagem do mapa 	Foto(s) da(s) placa(s) 	Foto do logradouro 
Dados		
Oficial/imagem	Placa	
Frei Orlando	Sem placa com o nome	
<p>Dados bibliográficos:</p> <p>Patrono da Capelania das Forças Armadas Brasileiras, o revmo. Padre Frei Orlando (OFM) - 1913-1945, integrou a comunidade franciscana de São João del-Rei. Com o 11º R. I. Expedicionários, sediado em São João del-Rei, participou da Campanha da Itália. Exerceu o magistério no extinto Colégio Santo Antônio. Nomes antigos: Largo e Rua de São Francisco, que surgiram com o início das obras de construção da Igreja de São Francisco de Assis. Em 1842 Caxias recebeu, no Largo de São Francisco, continências militares da tropa sediada em São João del-Rei. A lei municipal nº 165, de 17-4-1907 deu o nome de Praça D. Pedro II ao Largo de São Francisco, denominação que não pegou.</p>		
<p>Fontes: CINTRA, Sebastiao de Oliveira. <i>Nomenclatura de ruas de São João del-Rei</i>. Juiz de Fora: Zas Gráfica e Editora, 1988. 24 p.</p>		

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa parte da pesquisa, em relação à possibilidade de recuperação de parte da história do município, foram positivos, pois conseguimos resgatar, após a análise do *corpus* e das investigações históricas, relevantes elementos informativos sobre o passado da histórica São João del-

Rei, embora grande parte de nossos antropotopônimos não tenham se mantido significativos para os informantes entrevistados. Por isso, mais do que nunca este recorte lexical compreendido, então, como um cenário línguo-cultural precisa evidenciar a inter-relação que se estabelece entre léxico toponímico e marcas socioculturais impressas nos antropotopônimos.

Essa potencialidade do topônimo, de possibilitar a recuperação da história dos lugares, confirma o que bem diz ISQUERDO (1996, p. 351) que “por trás de cada designativo existe uma espessura histórica, uma cultura diversa, uma intenção muito particular do denominador e, sobretudo, um aparato linguístico que devem ser respeitados e valorizados”. Nos casos dos antropotopônimos, a escolha se dá pela homenagem a personalidades detentoras do poder político, econômico, religioso e militar em São João del-Rei, geralmente integrantes da classe dominante, e ainda, pela escolha de nomes de famílias de destaque social. Há de se destacar, também, a valorização de nomes individuais masculinos, uma vez que não registramos nenhum antropotopônimo feminino no léxico toponímico estudado.

Por fim, concluímos que se faz necessária uma ampla e urgente divulgação antropotoponímica da cidade para que não se perca a identidade do São-joanense frente a essa rica história, bem como a consciência da necessidade de mais pesquisas e investigações no campo da toponímia, a fim de fazer o residente entender a importância sócio-histórica e preservar a memória cultural e geográfica de lugares como São João del-Rei a partir de sua rua.

REFERÊNCIAS

- ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982. 205p.
- ÁVILA, Cristina. História de São João del Rei. Disponível em [http://www.ufsj.edu.br/sites/jdr/html/historia.html]. Acesso em 20 de ago. de 2018
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário históricogeográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: s.n, 1971. 543 p.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, 40: 27-46, 1996
- CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de . Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios. in *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p. 1123-1150, 2018. Disponível em

[http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12888/pdf_1] Acesso em: 15 ago. 2018.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. São João del-Rei: S. Joao del-Rei Artes Gráficas, 1963. 181 p.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Nomenclatura de ruas de São João del-Rei*. Juiz de Fora: Zas Gráfica e Editora, 1988. 24 p.

DAUZAT, A. *La toponymie française*. Paris: Payot, 1939.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coetânea de Estudos. 2. ed. São Paulo FFLCH, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. "Atlas toponímico: um estudo de caso". *ACTA semiótica et linguística*, 6:27-44. São Paulo: SBPL, 1996.

DICK, Maria Vicentina de Paula o Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554 -1897*. São Paulo ANNABLUME. 1997. 381p.

FARIA, Glauciane da Conceição dos Santos. Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova – Minas Gerais. In *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p. 1151-1174, 2018 disponível em [http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12888/pdf_1] Acesso em: 10 set. 2018.

GUIMARÃES, Fabio Nelson. *Ruas de São João del-Rei*. São João del-Rei Contagem: FAPEC/ Fund. Mariana Resende Costa, 1994. 55 p.

GUIMARAES, Geraldo. *São João del-Rei: Século XVIII – História sumária*. São João del-Rei. Edição do Autor, 1996. 147 p.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

MEGALE, H. Bandeira e bandeirantes. In: _____. (Org.) *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo, Humanitas, 2000. p. 15-48.

SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida T. C. (org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de , ISQUERDO, Aparecida Negri . A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas / Onomastics in different perspectives: research results. in *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, p.

993-1000, 2018. Disponível em

[<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/13700/pdf>] Acesso em: 11 ago. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Economia e Planejamento. Coordenadoria de Planejamento Regional. Instituto Geográfico e Cartográfico. Municípios e distritos do Estado de São Paulo. São Paulo: IGC, 1995.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.